

Os arquitetos da história global: trajetórias de pesquisa

The architects of global history: paths of research

BENTLEY, Jerry H.; CURTIS, Kenneth R. (ed.). *Architects of World History: Researching the Global Past*. West Sussex: Wiley Blackwell, 2014. 242 p.

João Júlio Gomes dos Santos Júnior*

jjjhst@gmail.com

Pós-doutorando

Universidade Federal de Pelotas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154, sala 119 - Centro

96010-770 - Pelotas - RS

Brasil

Palavras-chave

História Global; Historiografia do século XX; Narrativa historiográfica.

Keywords

Global History; 20th century historiography; Historical narrative .

289

Recebido em: 17/6/2015

Aprovado em: 6/8/2015

* Bolsista de pós-doutorado CAPES/PNPD.

Considere, por um momento, um hipotético arquiteto. A primeira tarefa do arquiteto seria criar uma imagem mental de um prédio que se quer construir. Quando mais criativo e original for o projeto mais sucesso terá a obra. Evidentemente, para que o projeto idealizado seja exequível, são necessários conhecimentos de engenharia, noções dos materiais e até mesmo alguma habilidade como pedreiro para conseguir erguer uma parede sólida da maneira pensada inicialmente. A qualidade das técnicas e dos materiais empregados, entre eles os próprios tijolos, também influenciará o resultado final do empreendimento.

Imagine agora que os tijolos são fatos históricos. De acordo com texto introdutório de Kenneth R. Curtis, professor da California State University e um dos organizadores da obra *Architects of World History*, os historiadores podem ser comparados a pedreiros treinados na arte de misturar materiais de evidências históricas em sólidas paredes narrativas. Além disso, os melhores historiadores são aqueles que se aproximam da tarefa dos arquitetos, que são capazes de conceber suas narrativas históricas baseadas em argumentações com estilo e forma criativa.

Entretanto, ainda seguindo a metáfora do historiador arquiteto, Curtis destaca uma frase de Kenneth Pomeranz que ajuda a compreender a típica abordagem de um historiador comprometido com a *World History*: “eu suspeito que a world history não será encontrada nas casas que algum de nós construiu [...] mas sim na vizinhança criada por sua justaposição” (POMERANZ *apud* CURTIS 2014, p. 6, tradução minha).¹

290

O segundo organizador do livro é Jerry H. Bentley, uma homenagem póstuma ao professor da University of Hawai'i, falecido em julho de 2012, que é considerado um dos precursores e uma referência em *World History*. Jerry Bentley foi um dos fundadores da World History Association e também o editor chefe do respeitado *Journal of World History*, com sede na University of Hawaii desde 1990. Essa revista acadêmica é, junto com o *Journal of Global History* com sede na Cambridge University, um dos principais meios de divulgação de pesquisas vinculadas a essa abordagem histórica.

Para além das atividades relacionadas à pesquisa e à extensão, Bentley também se preocupou com a questão do ensino na ótica da história global. Em 2000 ele lançou, em coautoria com Hebert F. Ziegler, a obra *Tradition and Encounters: A Global Perspective on the Past*, um livro didático de dois volumes que coloca em prática as ideias da World History e que já está em sua quinta edição.

Um dos objetivos de *Architects of World History: Researching the Global Past* é divulgar algumas das temáticas mais consolidadas em história global. Para tanto, onze historiadores profissionais, com destacada trajetória acadêmica, foram convidados para produzir capítulos em suas respectivas áreas de pesquisa. Essa obra poderia ser considerada apenas mais uma entre outras iniciativas similares que visam a mapear o vasto campo da história global/mundial.

¹ No original: “I suspect that world history is not so much to be found in the houses any one of us has built”, writes Kenneth Pomeranz, “as in the neighborhood created by their juxtaposition”.

O próprio Jerry Bentley (2011), por exemplo, organizou uma obra com esse propósito. O livro *The Oxford Handbook of World History* traz 31 capítulos escritos por pesquisadores destacados (quatro dos quais também possuem capítulos em *Architects of World History*) e oferece um rico panorama historiográfico sobre conceitos, temas, processos e regiões em uma perspectiva global. Outra referência similar é o *Companion to World History*, editado por Douglas Northrop (2012) e publicado pela Wiley-Blackwell, a mesma editora de *Architects of World History*. Nessa obra são 33 capítulos escritos por diferentes autores (três dos quais também possuem capítulos em *Architects of World History*) e que também ajudam a mapear o assunto.

De que maneira, portanto, a obra organizada por Kenneth Curtis e Jerry Bentley se distingue das demais? Colocando a pergunta de outra forma, o que o livro *Architects of World History* traz de novidade historiográfica para compreensão da história global/mundial?

Parece-nos que o mérito reside mais no formato do que no conteúdo propriamente dito. Ao invés de ser um livro em que cada historiador apresenta a sua pesquisa de forma aprofundada em capítulos que quase não dialogam entre si, a obra é, na verdade, um conjunto de reflexões sobre como cada autor se tornou um historiador global (*World Historian*).

Essa estratégia permite que o leitor acompanhe os passos acadêmicos de autores como J. R. McNeill, atualmente professor da Georgetown University e referência internacional sobre história ambiental. Por mais que, às vezes, nós imaginemos que o sucesso acadêmico está relacionado a uma vida inteira dedicada à mesma temática de pesquisa, este não foi o caso de J. R. McNeill. Em seu capítulo intitulado "En route to World Environmental History", ele relata que começou a carreira pesquisando sobre os financiamentos ferroviários na Grã-Bretanha do século XIX e acabou desenvolvendo suas pesquisas em história ambiental. O percurso foi tortuoso e cheio de dúvidas, como, por exemplo, um longo período de desemprego logo após a defesa de sua dissertação de mestrado, quando chegou a candidatar-se para mais cem diferentes posições como professor universitário sem ser contratado por ninguém, chegando bem próximo de desistir da carreira acadêmica.

Já no capítulo "Gender Intersections", Merry E. Wiesner-Hanks, professora da Universidade de Wisconsin-Milwaukee, conta como sua pesquisa sobre o trabalho feminino em Nuremberg no século XVI desencadeou, pelas oportunidades e conjunturas históricas, uma pesquisa sobre gênero em uma perspectiva global. O ponto forte do texto é o constante diálogo que a autora faz com a própria história dos movimentos por direitos das mulheres, dos homossexuais e o amadurecimento do conceito de gênero na década de 1980.

Também podemos acompanhar a fascinante trajetória da australiana Kerry Ward, professora da Rice University e especialista em migrações e história da África, no capítulo "Africa in the World: from National Histories to Global Connections". O seu engajamento e interesse em comparar a experiência sul-africana com outras realidades remonta à época em que estudou na University of Cape Town durante o processo de lutas sociais que clamava pelo fim do regime de Apartheid na África do Sul.

Os capítulos demonstram, igualmente, os esforços de cada profissional na progressiva construção de suas carreiras acadêmicas voltadas para uma dimensão global/mundial. Entre esses esforços está, certamente, o aprendizado linguístico. Autores como Kenneth Pommeranz, professor da University of Chicago e ex-presidente da American History Association, e Dominic Sachsenmaier, atualmente professor da Jacobs University em Bremen/Alemanha, tiveram que aprender mandarim e até mesmo chinês clássico para dominar temáticas como a História econômica do Leste Asiático e as trocas culturais e religiosas entre Confucionismo e Cristianismo, respectivamente nos capítulos “No Great Divergence? Reaching World History Through East Asian Studies”² e “Cultural and Religious Exchanges”.³

A professora da New York University, Lauren Benton, mostra no capítulo “Law and World History” o caminho percorrido por ela para se consolidar como uma referência sobre cultura jurídica e legalidades interimperiais. O texto é claro ao defender que a história global/mundial não é uma visão teórica, mas sim uma perspectiva analítica. Além disso, a autora compartilha até mesmo os receios que ela tinha de não ser levada a sério por colegas céticos em relação à história global.

O livro também conta com um capítulo escrito por David Christian, professor que passou maior parte da sua carreira entre a Macquarie University, em Sidney, e na San Diego State University. Por formação, Christian é um historiador especialista na história da Rússia e da União Soviética, porém, por questões de interesse pessoal em explicações macro-históricas, suas pesquisas são em um campo correlato com a World History conhecido como Big History (como o título do capítulo).

292

A Big History é uma modalidade histórica baseada na interdisciplinaridade entre História, Geologia, Astronomia, Antropologia, Biologia, Cosmologia e outras áreas que visa explicar a história do universo desde o Big Bang até os dias de hoje. O autor explica que o universo tem 13.8 bilhões de anos, e que a Big History intersecta-se, dessa forma, com a história humana no planeta Terra. David Christian também é o presidente fundador da International Big History Association.

O último capítulo do livro é um texto incompleto de autoria de Jerry H. Bentley, que foi publicado junto com uma complementação feita pela sua colega de departamento na University of Hawai’i, Karen Louise Jolly. O texto intitulado “In Search of a Global Cultural History” aborda a própria trajetória de Bentley como historiador da Renascença preocupado com as conexões entre os credos, valores, ideias e a vida prática das pessoas.

O foco do livro recai, portanto, mais sobre a trajetória dos autores, as oportunidades de emprego, os convites para publicações, do que no conteúdo de seus trabalhos – mesmo que em todos os capítulos existam alguns *insights* das suas respectivas pesquisas. Entretanto, Há também outro elemento fundamental que distingue esse projeto editorial de outros similares.

² Alguns desdobramentos historiográficos, sobretudo em Portugal, oriundos da tese de Kenneth Pommeranz, no livro *The Great Divergence*, podem ser acompanhadas em: CURTO; DOMINGOS; JERÓNIMO 2014.

³ Vale destacar que o autor não consegue encontrar elementos para diferenciação que alguns autores fazem entre a *World History* e a *Global History*. Para uma visão contrária, ver: FICKER 2014.

Todos os capítulos são marcados por referências historiográficas que influenciaram os autores em suas trajetórias de pesquisa. É muito salutar ver que os intelectuais comprometidos com a abordagem mundial/global reconhecem e valorizam as obras de diversos historiadores, sociólogos, cientistas políticos, antropólogos e geógrafos que os precederam. Dessa forma, os capítulos são permeados por conhecidas referências historiográficas, tais como Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein, Eric Wolf, Emmanuel Le Roy Ladurie, Joan Scott, Charles Tilly, Steven Topik, Sanjay Subrahmanyam, Georg Iggers, E. P. Thompson, Carlo Ginzburg, Eric Hobsbawm, Andre G. Frank, Barrington Moore e muitos outros.

A relevância dessas citações vai muito além da simples expressão de erudição. Ao demonstrar quais intelectuais foram importantes ao longo da sua formação, os autores de *Architects of World History* estabelecem vínculos que demonstram que a abordagem global/mundial não é uma novidade acadêmica surgida do nada e que despreza as tradições historiográficas.⁴ Ao contrário, a inovação encontra-se na maneira que determinadas temáticas são analisadas; nas diferentes estratégias narrativas empregadas; na ênfase existente na comparação, conexão, interligação, trocas, intercâmbios e influências entre objetos; nos cuidados metodológicos; enfim, na vontade de superar as abordagens ocidentalistas e evitar a naturalização do Estado-Nação como eixo analítico e explicativo.

Evidentemente, todas essas questões requerem uma sólida formação acadêmica, além de habilidades técnicas e estilísticas que, de certa forma, nos aproximam da metáfora do historiador arquiteto. Se, em um primeiro momento, a tarefa parece ser intangível, a leitura de *Architects of World History* nos ajuda a perceber que por mais árduo que possa parecer, o caminho pode oferecer diversos benefícios advindos da ampliação dos objetos de pesquisa.

293

Referências bibliográficas

BENTLEY, Jerry H. (ed.). **The Oxford Handbook of World History**. New York: Oxford University Press, 2011.

_____; CURTIS, Kenneth R. (ed.). **Architects of World History: researching the Global Past**. West Sussex, UK: Wiley Blackwell, 2014.

_____; ZIEGLER, Herbert F (ed.). **Traditions and Encounters: a global perspective on the past**. 5th edition. Boston, MA: McGraw-Hill, 2011 [2v].

CURTO, Diogo Ramada; DOMINGOS, Nuno; JERÓNIMO, Miguel Bandeira. A Europa e a Ásia: histórias e historiografias comparadas. **História e Historiografia**, n. 15, p. 148-167, 2014.

⁴ Há quem critique a história global por considerar que não há inovação nenhuma em suas abordagens. Ver, por exemplo: MARQUESE; PIMENTA 2015.

FICKER, Sandra Kuntz. Mundial, transnacional, global: Un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [*En ligne*], Débats, mis en ligne le 27 mars 2014.

MARQUESE, Rafael; PIMENTA, João Paulo. Tradições de História Global na América Latina e Caribe. **História e Historiografia**, n. 17, p. 30-49, 2015.

NORTHROP, Douglas (ed.). **A Companion of World History**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.